

CB  
10/16/2000 p. 5  
160

## DIPLOMACIA

## Embaixador dos EUA nega cobiça sobre a Amazônia

Da Redação

Em seu primeiro discurso desde que chegou ao Brasil, em janeiro, o novo embaixador dos Estados Unidos, Anthony Harrington, falou da expectativa das autoridades de seu país de que "o Brasil desempenhe uma papel mais ativo na formação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca)". Após afirmar que seu governo reconhece "o papel de liderança especial" do Brasil na América do Sul, ele "aplaudiu" a iniciativa do presidente Fernando Henrique Cardoso de convocar uma reunião de cúpula de presidentes sul-americanos, que será realizada em agosto, em Brasília.

Falando a empresários na Câmara de Comércio Americana, no Jockey Club do Rio de Janeiro, ele dedicou sua primeira grande declaração no Brasil à tarefa de desfazer alguns "mitos" sobre as relações entre os dois países. O primeiro que ele tratou de atacar foi a da suposta cobiça norte-americana sobre a Amazônia, que ele considera uma idéia "ridícula".

"Há no Brasil pessoas que acreditam que os Estados Unidos pretendem dominar o mundo. Eles vêem o Tio Sam como o valentão ameaçador. Um exemplo típico dessa forma de pensar é a crença de que os Estados Unidos possuem planos secretos para invadir a Amazônia, com a desculpa de proteger a floresta. Essa idéia é tão absurda que sinto-me um pouco constrangido em falar sobre ela."

Pouco antes de fechar seu discurso, Harrington lembrou as diversas iniciativas conjuntas de Brasil e Estados Unidos sobre a Amazônia, como a catalogação da biodiversidade, a previsão de secas e queimadas por imagens de satélites e a cooperação com o Ministério da Ciência e Tecnologia e com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) no Experimento de Grande escala da Biosfera-Atmosfera da Amazônia — que estuda os ciclos amazônicos e suas influências nas mudanças climáticas do planeta.

Harrington também aproveitou a oportunidade para criticar o estudo divulgado pela embaixada brasileira em Washington, na segunda-feira, acusando os Estados Unidos de cobrar tarifas comerciais muito elevadas. Segundo o estudo, os 15 produtos mais importantes da pauta de exportações brasileiras para os Estados Unidos são taxados com uma tarifa média de 45,6%, enquanto a tarifa média cobrada para os produtos norte-americanos seria de 14,3%. "Se examinarmos o volume total veremos que a tarifa está bem abaixo do que está demonstrado no estudo", contestou o embaixador.